

Reconfigurações da Espiral do Silêncio a partir da noção de Mediações Algorítmicas¹

Kérley WINQUES²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC
Faculdade Ielusc, Joinville, SC

RESUMO

A proposta do artigo é tratar das reconfigurações da teoria original de Noelle-Neumann (2010) e apresentar uma categorização de análise da espiral do silêncio contemporânea, que envolve quatro mecanismos: 1) *acumulação*; 2) *consonância*; 3) *ubiquidade*; e 4) *anonimato*. Com a intenção de não abandonar o termo social e analisar sentidos e tecnologias de forma separada, os resultados apresentados foram construídos a partir de um estudo de recepção de matriz sociocultural com oito professores sindicalizados e oito evangélicos neopentecostais residentes em Curitiba (PR). Os algoritmos são cálculos invisíveis com raízes profundas que adentram no cotidiano dos sujeitos, apropriando-se de características socioculturais, ao mesmo tempo em que formam espirais do silêncio que alimentam a construção da opinião pública e a memória social.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; comunicação; algoritmos; espiral do silêncio.

INTRODUÇÃO

A confiança nos algoritmos é uma problemática contemporânea e ganha, cada vez mais, espaço nas discussões públicas e científicas. Isso se deve a relação direta desses mecanismos com controle, poder, vigilância, privacidade e criação de bolhas ideológicas. A maioria dos aplicativos, redes sociais e buscadores possui algoritmos de aprendizagem de máquina (*machine learning*) para guiar e realizar uma curadoria das informações que circulam. Com características ligadas à ordenação e à geração de tendências e recomendações, Facebook, Google, Instagram, Twitter, YouTube, entre outras plataformas digitais, escolhem quais publicações são visualizadas e em qual ordem, quais páginas merecem destaque, qual o conteúdo mais relevante para o usuário etc.

O avanço dos *smartphones* configura a terceira onda de transformação tecnológica, marcada ainda pelo domínio de grandes empresas de tecnologia que ganharam espaço no

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Professora nos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Sistemas para Internet da Faculdade Ielusc. E-mail: ker.wiques@gmail.com.

mercado em termos de publicidade dirigida e audiência (BELL; OWEN, 2017). Ainda que o jornalismo atinja o público em larga escala nas redes sociais, o usuário não consegue saber como ou por que recebeu determinado tipo de conteúdo, e a mídia jornalística possui pouco conhecimento de como essas informações chegam ao público. Ademais, segundo Bell e Owen (2017), editores e veículos noticiosos continuam transferindo a maior parte do que é produzido para plataformas de terceiros.

Tradicionalmente, a seleção de notícias era um privilégio manual humano ou institucionalizado pelos jornalistas e suas organizações de mídia, com base, entre outras questões, nos valores-notícia e nos critérios de noticiabilidade. Atualmente, segundo Just e Latzer (2017), no caso da construção de uma realidade algorítmica, a seleção acontece automaticamente por intermédio de *softwares* personalizados, fundamentalmente, desenvolvidos por conglomerados tecnológicos do Vale do Silício. Nesse sentido, a *inclusão* ou *exclusão* de mensagens por meio do uso de algoritmos pode beneficiar ou não determinados debates e isso pode, na avaliação de Silveira (2019), interferir no processo democrático e desequilibrar as condições de equidade das narrativas em disputa.

As plataformas digitais, apesar de serem estruturas privadas, tornaram-se espaços nos quais ocorrem importantes debates públicos e locais em que se verifica o confronto de visões e a articulação de opiniões. Este artigo explora os resultados encontrados a partir de um estudo de recepção realizado na tese da autora (WINQUES, 2020), que explorou os processos sociais que envolvem algoritmos e sujeitos e investigou as implicações dessa relação na recepção e na circulação de informações jornalísticas na internet. Ao perceber que essas implicações também atingem a opinião pública e *performam* os usos, apropriações e significados atribuídos aos conteúdos jornalísticos que encontram esses espaços, foi possível compreender também algumas características marcantes das reconfigurações da teoria original de Noelle-Neumann (2010). Portanto, uma das tarefas críticas neste artigo é repensar alguns tópicos tradicionais da pesquisa de mídia e comunicação à luz de intervenções algorítmicas. Cabe evidenciar ainda que o estudo de recepção não é o foco deste *paper*, mas serve de pano de fundo para os resultados encontrados em relação à espiral do silêncio e que serão apresentados a seguir.

O artigo está estruturado em três partes, que contemplam: a) apresentação da noção de mediações algorítmicas; b) resgate da teoria da espiral do silêncio e alguns estudos contemporâneos sobre o tema; e c) contextualização das principais etapas metodológicas realizadas na tese e as reconfigurações da teoria de Noelle-Neumann (2010).

MEDIAÇÕES ALGORÍTMICAS: UMA NOÇÃO SOCIOCULTURAL

Com base em cálculos específicos, os algoritmos são procedimentos codificados para transformar dados de entrada em uma saída desejada e são implementados para controlar o fluxo de ações (BUCHER, 2012). Assim, um algoritmo considera diversas variáveis: itens que precisam ser adicionados ou excluídos, etapas a serem seguidas em uma ordem específica, e uma série de pontos de decisão ou ação a serem identificados e negociados para chegar a um resultado desejado. O código de um algoritmo é altamente variável e específico, e isso depende da arquitetura do computador, das tecnologias de armazenamento de dados, dos arranjos de hierarquia de memória, etc. (DOURISH, 2016).

O desenvolvimento da seleção algorítmica, de acordo com Latzer *et al.* (2014), está intimamente relacionado com uma série de tendências tecno-econômicas e sociais, que englobam: informatização, dados, automação e otimização econômica. Em essência, sua difusão e crescente importância são alimentadas pela proliferação de uma internet cada vez mais móvel e ubíqua. Por outro lado, são processos estritamente conectados a uma nova fase do capitalismo, marcada pela exploração econômica dos dados a partir de grandes empresas de tecnologia (SRNICEK, 2017).

Os algoritmos têm como papel central auxiliar usuários no processo de navegação (NAPOLI, 2013). Plataformas usam desses mecanismos para auxiliar na distribuição de informações, caso contrário, o sistema ficaria asfíxiado. Por essa razão, o algoritmo resolve uma situação problemática de sobrecarga de informações, oferecendo um conjunto de princípios operacionais que podem ser utilizados na resolução de problemas. Porém, as aplicações das variáveis executadas pela máquina formam os bastidores de uma plataforma que operam no sentido de modelar o consumo de notícias e de entretenimento (LATZER *et al.*, 2014; BEER, 2016; SILVEIRA, 2019). Uma condição onipresente que não pode ser simplesmente justificada como uma limitação técnica da máquina.

Thompson (2005) observa que os meios de comunicação não são apenas técnicas de transmissão de informações. Em vez disso, criam formas de ação e interação com propriedades distintas. Ao usar uma mídia, a natureza da interação do sujeito será *moldada* por essas propriedades espaciais e temporais e pelos aspectos diversos do meio. É a partir das novas tecnologias, das mediações algorítmicas e do acesso ubíquo à internet que as formas de *visibilidade* são modificadas. Em vista disso, os cálculos e ordenação desempenhados não são só demandas matemáticas, é preciso uma visão que abranja questões políticas, econômicas e sociais envolvidas por trás do funcionamento.

A natureza essencialmente mediada do social, conforme Couldry e Hepp (2020, p. 14), também se baseia nos objetos materiais – interligações, plataformas, infraestruturas etc. – “por meio dos quais a comunicação, assim como a produção de sentidos, tem lugar”. Por outro lado, não se deve abandonar o termo social e analisar sentidos e tecnologias de forma separada. A infraestrutura das mídias, que auxilia na construção do social, é mais complexa. Algoritmos, como instrumentos técnicos, constroem e implementam regimes de poder e de conhecimento (GILLESPIE, 2014; BEER, 2016), e seus usos têm implicações normativas e performativas à medida que os sujeitos atribuem sentidos e significados às informações que recebem. Poell, Nieborg e Van Dijck (2020) observam que as tradições de pesquisa em geral concebem plataformas e plataformação principalmente em termos institucionais, como infraestruturas de dados, mercados e formas de governança. Por isso, eles chamam atenção para a necessidade de análises que contemplem a forma como as plataformas transformam as práticas culturais, e também como essas práticas transformam plataformas em construções sociotécnicas específicas.

Ao adotar uma perspectiva sociocultural (MARTÍN-BARBERO, 2015) no estudo que originou este artigo, buscou-se uma noção de mediações algorítmicas alinhada a este campo de estudo. De um extenso esforço teórico de resgate e análise dos mapas noturnos de Martín-Barbero (LOPES, 2018), a formulação de *mediações algorítmicas* (WINQUES, 2020) abarca pensar na institucionalização das plataformas digitais e suas infraestruturas nos mais diversos domínios sociais e suas conexões e implicações com a *tecnicidade* (experiência e sensibilidade), as *temporalidades* (múltiplas e flexíveis) e os *fluxos* (espaciais e virtuais), que se conectam a eixos de submediações que podem ser transformados e inter-relacionados e que estão demarcados pelos campos da *cidadania*, da *socialidade* e das *narrativas*. Uma visão que busca contemplar as instâncias da produção, da circulação, do consumo e da recepção de mensagens no contexto das redes sociais e de multiplicidade de mídias (COULDRY; HEPP, 2020).

Por meio dessa perspectiva, as plataformas digitais ganham importância como categoria de análise nas mediações institucionais e nos processos de recepção, pois, trata-se de investigar como os conteúdos informativos são consumidos em um cotidiano atravessado pelas práticas sociais originadas de outras mediações do sujeito e pelas práticas de como os conglomerados tecnológicos captam e utilizam dos dados que auxiliam na formação da opinião pública. É neste último ponto que a espiral do silêncio ganha força como objeto de análise e discussão – tema dos próximos tópicos.

ESPIRAL DO SILÊNCIO E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Elizabeth Noelle-Neumann (2010) se especializou em Demoscopia em 1940, termo que se refere à pesquisa de opinião pública no campo de uma organização científica. Em relação à espiral do silêncio, a apresentação da ideia ocorreu em 1972, no *XX International Congress of Psychology*, em Tóquio. O livro *A espiral do silêncio – opinião pública: nosso tecido social* foi lançado originalmente em 1982, na Alemanha. A teoria está amparada no pressuposto de que a sociedade – e não somente grupos específicos – ameaça os indivíduos por meio do isolamento e da exclusão social daqueles que desviam do consenso. Ancorada nos estudos de psicologia social, a autora sugere que as opiniões sobre temas carregados de julgamentos morais e emocionais são particularmente sensíveis à manifestação dos efeitos da espiral do silêncio, principalmente, quando a sociedade passa por mudanças sociais significativas.

A teoria é sustentada por quatro pressupostos: 1) ameaça de isolamento; 2) medo do isolamento; 3) sentido (ou senso) quase-estático (percepção) por meio da avaliação constante do clima de opinião – sendo os *media* uma das principais fontes dessa observação; e 4) disposição para falar publicamente ou a tendência para permanecer em silêncio. Noelle-Neumann (2010) acrescenta um quinto, uma união dos quatro primeiros. A percepção de cada sujeito sobre o que os outros pensam é determinante na decisão de se expressar ou não em público – e esse é um processo que pode se desenrolar ao longo do tempo. É assim que uma espiral se instala, a partir da observação – da realidade e da realidade pelos olhos da mídia – da existência de uma opinião dominante ou norma social.

O mecanismo da espiral do silêncio explica como o comportamento individual em nível micro, como falar em público sob condições particulares, pode se estender ao nível macro da formação da opinião pública. Contudo, a autora deixa claro que a opinião prevalecente não é uma unanimidade. Os focos de resistência podem existir e são formados por sujeitos dispostos a expressar-se publicamente mesmo quando têm consciência de que estão do lado minoritário. A pesquisadora chamou esses grupos de núcleos duros ou vanguardas; porém, não aprofundou ou operacionalizou os termos.

A espiral do silêncio, para Alexandre (2018, p. 15), é uma abordagem teórica mais abrangente do que aparenta ser, pois a construção formulada por Noelle-Neumann tenta ainda explicar como “a opinião pública pode afetar a vida e o comportamento das pessoas, assegurar a coesão social e influenciar os processos de decisão dentro de uma sociedade”. Na concepção clássica, a teoria é voltada, em grande parte, para o modo como a mídia

contribui para criar um clima de opinião. Martino (2009, p. 207) reforça a perspectiva ao colocar que o conceito central do modelo da espiral está ligado à construção da opinião pública pela mídia, que pode ser entendida pela “adoção das opiniões implícitas nas informações da mídia e transformadas em dados para uma opinião. A ideia de opinião pública parece estar mais ligada à imposição”. Essa imposição se dá por intermédio de um ponto de vista previamente selecionado sobre um determinado tema. A espiral do silêncio não é imperativa ou verticalizada, mas desenvolve-se ao longo do tempo.

Questões sobre como os meios de comunicação tradicionais contribuem para a construção das realidades sociais estiveram ligadas, em grande parte, a estudos sobre *agenda-setting*, *enquadramento* e mesmo em alguns desdobramentos de pesquisas ligadas ao *gatekeeper*. Porém, quase 50 anos após a primeira apresentação pública da espiral do silêncio, é preciso levar em conta que a construção da realidade e da memória individual e coletiva passam pela seleção algorítmica automatizada. Segundo Just e Latzer (2017), o novo contexto se distingue por dois motivos: 1) a personalização da construção da realidade contribui para uma maior individualização; e 2) a constelação de atores é parte integrante do ecossistema da internet. É possível adicionar que: 3) a imprensa tradicional têm cada vez menos relevância sobre a agenda pública³; 4) os boatos oferecem outros enquadramentos; e 5) as mediações algorítmicas, a partir de seus regimes de modulação e performatividade, auxiliam nas produções de sentidos e na formação da memória individual e coletiva, o que acarreta em *múltiplas espirais do silêncio*.

É importante destacar, portanto, que o desenvolvimento da internet e das plataformas digitais trouxe reconfigurações para a espiral do silêncio; conseqüentemente, a aplicação da teoria na web está sujeita a novas condições. A percepção do clima de opinião é diferente daquela pautada pela mídia tradicional, especialmente quando se fala de algoritmos, mídia alternativa, redes sociais, *memes* e *fake news*.

Os novos paradigmas e as condições vigentes oferecem o potencial de aumentar a disposição dos sujeitos para expressarem suas opiniões (MALASPINA, 2014). Por outro lado, os filtros limitam os debates ao impor regimes de visibilidade para certos temas e de invisibilidade para outros. Os algoritmos oferecem ainda poucas condições de conversação entre os que pensam de maneira distinta. O discurso público em

³ Just e Latzer (2017) avaliam que a filtragem algorítmica pode ser primária ou secundária: a primeira refere-se à situação em que os processos algorítmicos são baseados em resultados da agenda tradicional e da seleção dos meios de comunicação e, a partir disso, uma segunda “filtragem” (algorítmica) ocorre com base em combinações automáticas de comportamento do usuário, conexões estabelecidas e critérios personalizados não jornalísticos.

circunstâncias on-line não se refere apenas à exposição na mídia, mas também inclui o modo como sujeitos falam em público ou em seus perfis nas mídias sociais – e esse conteúdo gerado pelo usuário pode produzir diferentes percepções do clima de opinião (PORTEN-CHEÉ; EILDERS, 2015). Em relação ao consumo, indivíduos encontram uma pluralidade de vozes e uma abundância de canais, podendo escolher entre fontes que condizem com suas opiniões pessoais ou informações de uma variedade de canais (SCHULZ; ROESSLER, 2012). Por último, a presença de líderes de opinião (verticais e/ou horizontais) não pode ser excluída, afinal, a partir da formação de um canal/rede com milhões de seguidores, indivíduos propagam ideias em larga escala.

Estudos⁴ que buscaram compreender o fenômeno da espiral do silêncio e sua conexão com as mídias sociais e a interação humano-computador já foram desenvolvidas na Alemanha (PORTEN-CHEÉ; EILDERS, 2015), Itália (MALASPINA, 2014), México (MORENO; SIERRA, 2016), Estados Unidos (STOYCHEFF, 2016; HAMPTON *et al.*, 2014), Portugal (MOURA, 2018; CAMPOS, 2018) e Argentina (ANGELIS, 2016). Apesar do número significativo, as abordagens não investigam a relação dos algoritmos e dos filtros com o jornalismo on-line – nem com a recepção e o ambiente sociocultural dos indivíduos. No Brasil, a partir de uma consulta na base de dados Portal de Periódicos da Capes e na plataforma Google Acadêmico, foram encontrados diversos trabalhos com abordagens voltadas para a mídia hegemônica. No caso das redes sociais, foram identificadas duas produções: uma dissertação (CARIBÉ, 2019) e um artigo científico (MARQUES, 2019); porém, a teoria de Noelle-Neumann não é um eixo central.

O baixo número de investigações que problematizam a espiral do silêncio e a relação da teoria com as mediações algorítmicas impulsionaram a realização da pesquisa. Além disso, entre os estudos mencionados, nenhum se propôs a estabelecer aproximações entre o contexto cultural/social desses indivíduos a partir do uso das mídias sociais e o consumo e a recepção de conteúdos jornalísticos. Schulz e Roessler (2012) e Malaspina (2014) reforçam a importância de que os estudos ligados à teoria avancem para compreensões mais significativas em relação ao público e o contexto social. Por essa razão, a perspectiva adotada na investigação que deu origem a este artigo está alinhada aos estudos de recepção e de mediação pela vertente sociocultural.

⁴ Buscas realizadas no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da Capes, em 20 de fevereiro de 2020, com o uso das palavras-chave “Spiral of silence”, “Espiral do silêncio” e “La espiral del silencio”. Foram selecionados estudos em que a teoria é destaque/central na abordagem teórica ou metodológica.

RECONFIGURAÇÕES DA ESPIRAL DO SILÊNCIO

Antes de avançar para os resultados, cabe apresentar as etapas realizadas na pesquisa. O objeto de estudo tratou das implicações das mediações algorítmicas no que diz respeito à opinião pública e à recepção de notícias por integrantes da Igreja Universal do Reino de Deus e por professores vinculados ao Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP-Sindicato) que residem em Curitiba (PR). A tese foi organizada de acordo com três etapas metodológicas, aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UFSC) – sob o parecer de número 3.192.268: 1) realização de levantamento bibliográfico e articulação com o contexto político social brasileiro; 2) aplicação de questionário socioeconômico estruturado para definição dos indivíduos participantes da terceira fase – participaram 23 professores sindicalizados e 38 evangélicos neopentecostais; 3) verificação da recepção mediante entrevistas em profundidade com 16 pessoas – oito de cada esfera selecionada. É nesta etapa que a matriz das mediações e produções de sentidos foi observada de maneira aprofundada, de modo que o objetivo foi aplicar um roteiro semiestruturado⁵, apresentar fotografias de personalidades pré-selecionadas⁶ e imagens de conteúdos falsos⁷ que remetem ao contexto político eleitoral. Sobre o perfil dos entrevistados evangélicos, quatro são homens (E1, E3, E5 e E7) e quatro são mulheres (E2, E4, E6 e E8), com idades entre 19 e 55 anos. No caso dos entrevistados da dimensão sindical, quatro são homens (P1, P3, P5 e P7) e quatro são mulheres (P2, P4, P6 e P8), com idades entre 34 e 54 anos.

O pressuposto apresentado na tese apontava que o modelo de poder e de exclusão formado pelos filtros fomentou as reconfigurações da espiral do silêncio durante e após a eleição de 2018. As entrevistas foram realizadas após seis meses de gestão do presidente Jair Bolsonaro – entre os meses de agosto e outubro de 2019. A eleição de 2018 colocou ênfase na circulação de informações políticas e no processo de formação da opinião pública na internet, considerando, especialmente, o declínio da confiança na imprensa tradicional e o aumento da desinformação por meio da disseminação em massa de boatos. Além disso, o período foi marcado por uma *hiperpolarização* entre os grupos de esquerda e extrema-direita e pela consolidação do *populismo digital* (CESARINO, 2019).

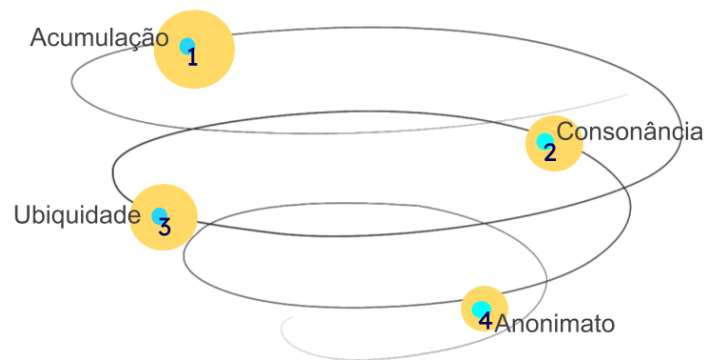
⁵ O roteiro semiestruturado é dividido em oito seções guias e está disponível nos apêndices da tese (WINQUES, 2020).

⁶ Foram selecionadas as fotografias dos seguintes personagens: 1) Livro: “Aparelho Sexual e Cia.”; 2) Marielle Franco; 3) Fernando Francischini; 4) Jean Wyllys; 5) Damara Alves; e 6) Glenn Greenwald.

⁷ Sob os títulos: Opção 1: “PT entra com ação no STF para impedir que Bolsonaro reduza o preço do gás”; e Opção 2: “Michelle e Jair Bolsonaro gastaram R\$ 6,1 milhões com cartão de crédito presidencial em 7 meses e colocam sigilo nos gastos”.

Pena (2015) lembra que a espiral do silêncio trabalha com três mecanismos: 1) *acumulação*: exposição de determinados temas a partir da capacidade de mantê-los relevantes; 2) *consonância*: a forma semelhante como as notícias são produzidas e veiculadas; e 3) *ubiquidade*: o modo como a mídia pode estar em todos lugares. Entretanto, falar de espiral do silêncio no contexto contemporâneo – a partir de uma releitura da obra de Noelle-Neumann (2010), das considerações de Pena (2015) e dos dados coletados no estudo de recepção (WINQUES, 2020) – envolve quatro mecanismos (Figura 1): 1) *acumulação*; 2) *consonância*; 3) *ubiquidade*; e 4) *anonimato*.

Figura 1: Mecanismos de análise da espiral do silêncio contemporânea



Fonte: Winques (2020).

Acumulação

É a exposição de determinados temas a partir da capacidade de mantê-los relevantes, não somente pela perspectiva da imprensa, mas pela *visibilidade* que os assuntos ganham nos *feeds*, tópicos de tendência etc. Isso pode acontecer a partir de três perspectivas: a) pela *viralidade* do conteúdo, ou seja, informações que se espalham com relativa facilidade e engajamento nas plataformas; b) pela *recirculação* que, além do sistema de mediações algorítmicas, envolve o papel dos usuários na ampliação das métricas de cliques, comentários e compartilhamentos; e c) pelos próprios *algoritmos*. No caso da temporalidade dos algoritmos (DOURISH, 2016), muitas das histórias que recebem visibilidade são formadas a partir de um *loop* de *feedback*. Informações nos tópicos de tendência ou que aparecem no topo de um *feed* ou *ranking* são compostas por meio de uma lógica que opera pelo que é mais visualizado e/ou clicado. Trata-se de uma reflexividade que enfatiza a popularidade como um critério chave na geração de resultados (NAPOLI, 2013). O conteúdo popular é mais recomendado, aumentando ainda

mais sua notoriedade em relação a outros disponíveis. Essa recirculação é um processo que demonstra o poder social dos algoritmos em relação à temporalidade ou atualidade, resultado de uma relação de forças entre sujeitos e algoritmos (BUCHER, 2012). Dito isso, a acumulação pode ocasionar em um *efeito espelho*, auxiliar no *viés da confirmação* ou nas produções, reproduções e reelaborações de sentidos.

Sob o viés comportamental, a acumulação detém potencial para levar a diferentes percepções do clima de opinião e ocasionar no isolamento. Pelas evidências coletadas na tese, percebe-se que o cenário conjuntural – notado pelo período pós-eleição, polarização de narrativas e disseminação de boatos – não oferece possibilidades para que os espaços virtuais sejam considerados como ambientes em que o debate público se efetive e consolide. Dos 16 participantes, 11 têm preferência por manifestar opiniões off-line – entre os grupos sociais mais próximos. A percepção da maioria é que o ambiente on-line oferece distorções, manipulações, problemas para a reputação, vigilância e ataques de ódio. Porten-Cheé e Eilders (2015) lembram que o discurso público em circunstâncias on-line não se refere apenas à exposição na mídia, mas também inclui o modo como sujeitos falam em público ou em seus perfis nas mídias sociais – e esse conteúdo pode produzir diferentes percepções do clima de opinião.

Ao vincular a internet a um ambiente hostil, é provável que as pessoas passem a confiar mais no espaço social cotidiano ou optem por seguir canais mais alinhados as suas crenças e/ou ideologias. No caso do consumo e da confiança em veículos jornalísticos, a maioria dos evangélicos cita canais ligados à Igreja Universal – mais especificamente à *Rede Record*. Já os professores, em geral, optam por portais alternativos, tais como *Revista Fórum*, *Blog da Cidadania* e *Brasil 247*. Embora tenha sido possível observar uma diversidade maior de fontes noticiosas a partir do uso das plataformas digitais, é fato que essa diversidade é baseada em uma acumulação de fontes de notícias mais polarizadoras e associadas a valores – como a religião e os direitos humanos.

Consonância

É a forma similar como as informações são produzidas, não só pelos jornalistas, mas pelos próprios sujeitos ou, ainda, influenciadores (verticais ou horizontais), e divulgadas, não só pela imprensa, mas pelos canais permeados por filtros e algoritmos de aprendizagem de máquina que auxiliam no viés da confirmação – tais como Facebook, YouTube, Google, entre outros. Os influenciadores nem sempre são pessoas reconhecidas

em determinado grupo social, devido, particularmente, à pluralidade de redes e canais. Sobre a formulação de opiniões, importam tanto os líderes verticais como os horizontais. Os primeiros aparecem em figuras proeminentes, como um presidente, por exemplo; os segundos são representados por pessoas cuja opinião é considerada relevante, mas não exercem poder de maneira ampla e homogênea sobre os componentes do grupo.

As plataformas digitais unidas ao cotidiano produzem efeitos na forma como os sujeitos percebem e produzem sentidos sobre os acontecimentos. Ao serem questionados sobre o principal problema do Brasil, os jornais e as redes sociais aparecem como fonte para a formação da opinião dos participantes evangélicos. *E1, E4, E5, E7 e E8* citam que as notícias foram uma das fontes para a definição de seus posicionamentos, sendo que *E1, E4, E5 e E8* partilham de uma mesma visão: a corrupção. *E2 e E3* relacionam o problema à estrutura familiar, *E7* à educação e *E6* ao amor ao próximo. No caso dos professores, foi possível perceber a forte presença da instituição *escola* na identificação do problema. *P1 e P2* fazem relação com a escola e os boatos, *P4, P5, P6 e P8* com a escola e a política e *P3 e P7* com a escola e o analfabetismo e/ou a ignorância. No caso da *automatização da esfera pública*, conforme Pasquale (2017), os efeitos negativos envolvem o empobrecimento da diversidade cultural e da pluralidade política. Esse empobrecimento pode ampliar a *consonância* dos discursos e a polarização das narrativas em disputa, já que são priorizados os grupos mais visíveis, os quais são replicados dentro de cada espaço de conversação por meio das mediações algorítmicas e de efeitos de acumulação.

Ubiquidade

Não é somente o modo como a mídia pode estar em todos os lugares, seja por meio da televisão ou dos dispositivos móveis conectados à internet, mas a forma como os indivíduos – como propagadores e produtores – e os algoritmos – como agentes mediadores – podem estar nos mais variados espaços, tempos, interfaces e *feeds*.

Couldry e Hepp (2020) avaliam que é preciso uma compreensão de mídia que seja capaz de concentrar as reflexões nos meios tecnológicos de comunicação, contudo, ela deve ser aberta o suficiente para captar a variedade contemporânea. Um novo meio ou tecnologia não substitui imediatamente um anterior. Os outros meios continuam preenchendo o cotidiano. No grupo de evangélicos, apesar de a televisão ser mencionada como um meio para se obter informações, as plataformas digitais possuem uma maior abrangência nas interações cotidianas. A *relação triádica dos meios* envolve a televisão,

o Facebook, tida como principal rede social para a maioria, e o Google como canal central para obter informações e acesso a sites noticiosos. No caso dos professores, a televisão não aparece como um meio estruturante; são as plataformas digitais, especificamente o Google e o Facebook, que recebem um maior protagonismo nas interações rotineiras. A *relação triádica dos meios* é formada pelos dois gigantes do Vale do Silício e pelos sites noticiosos da imprensa tradicional e alternativa. A escolha dos sites, de maneira geral, é amplamente mencionada, por isso, torna-se importante. Nos dois grupos, os algoritmos permeiam as relações triádicas, especialmente porque, mesmo quando acessam os sites de maior consumo ou ligam a televisão, os entrevistados permanecem ligados aos seus dispositivos móveis e, conseqüentemente, aos buscadores e às redes sociais. Posto isso, deve-se considerar, que as plataformas digitais estão, cada vez mais, presentes de forma ubíqua na cultura, política e vida social e coletiva.

Anonimato

Bots, trolls e algoritmos, especialmente os de aprendizagem de máquina, formam uma camada de disseminação de conteúdos que não é passível de identificação. Trata-se de uma “multidão sem rosto”, e, por conseqüência, sua atuação difere da imprensa – que possui uma política editorial, um código de ética e jornalistas que assinam as notícias e as reportagens. Portanto, é preciso buscar um aprofundamento dos aspectos técnicos e circulatorios desses objetos computacionais ou, ainda, pode ser necessário utilizar métodos como os de Análise de Redes Sociais. Essas metodologias, aliadas à conjuntura político-social e ao contexto sociocultural, podem oferecer um conhecimento mais amplo sobre a formação e propagação de *ondas de opiniões* – rápidas ou estáveis – e sobre a polarização. Tais distribuições podem ser vistas a partir da criação, por meio de *softwares* de análise, de mapas de propagação, nuvens de palavras, bolhas e ondas de calor sobre conteúdos que estão em maior evidência ou que estão invisibilizados.

Os instrumentos registrados acima, que podem ser utilizados de um ponto de vista metodológico e/ou epistemológico, extrapolam os limites que dizem respeito ao fato de que a imprensa, *sozinha*, é capaz conduzir a formação da opinião pública na internet. Esses eixos podem aparecer de maneira independente, contudo, na maioria das vezes, os efeitos são combinados. Outra interpretação é que, a partir das condições socioculturais do indivíduo ou do grupo em análise, as espirais podem ser múltiplas e simultâneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A espiral do silêncio é uma teoria do campo da comunicação e do jornalismo escrita por Elizabeth Noelle-Neumann há quase 50 anos. Propor uma releitura de trabalhos clássicos, significa, em alguma medida, lidar com a tentação do anacronismo. Esse risco é reforçado, especialmente, no âmbito da comunicação e do jornalismo, nos quais o avanço de tecnologias, dispositivos ou mesmo das plataformas e dos algoritmos mudam rapidamente. O estudo percebe que os universos são fundamentalmente diferentes entre a primeira exposição da autora e a aplicação atual. Ao mesmo tempo, apesar da diferença temporal, o contexto de ruptura política é comum nas duas investigações. Outro aspecto é a busca por concepções mais alinhadas à psicologia social – disposição para manifestar as opiniões – e uma aproximação com o contexto cultural dos sujeitos – mesmo que isso não tenha se efetivado na investigação da pesquisadora alemã.

Além disso, é igualmente complicado, em releituras de teorias consolidadas, imaginar que todas as ideias são novas e que o cenário contemporâneo implica apenas em rupturas, não em continuidades. Noelle-Neumann buscou inspiração em autores como John Locke, Michel de Montaigne, Nicolau Maquiavel, Jean-Jacques Rousseau, Alexis de Tocqueville, David Hume, Adam Smith, Solomon Asch, Erving Goffman e Michael Hallamann. Na tese, as continuidades aparecem por meio das importantes contribuições da referida autora, de Jürgen Habermas, Walter Lippmann e Nilson Lage. Em relação às rupturas, elas aparecem em visões mais contemporânea sobre a mídia (BELL; OWEN, 2017; COULDRY; HEPP, 2020) e as plataformas digitais (BEER, 2016; BUCHER, 2012; GILLESPIE, 2014; JUST; LATZER, 2017). O fato de ter sido formulada no passado não invalida uma proposição ou uma teoria. Tratar das reconfigurações da espiral do silêncio é reservar à Noelle-Neumann seu lugar no âmbito das teorias consolidadas no campo.

Diante disso, defende-se que o *controle* que é constituído por meio dos códigos e dos seus protocolos de filtragem não deve ser resumido a *bolhas* ou *câmaras de eco*. Os algoritmos são *cálculos invisíveis* com *raízes profundas* que adentram no cotidiano dos sujeitos, apropriando-se de suas características socioculturais ao mesmo tempo em que, munidos desses elementos, formam espirais do silêncio que alimentam a formação da opinião pública e auxiliam na tomada de decisões e na construção da memória social. Descrever a relação entre *técnica* e *política* a partir do diálogo entre os algoritmos e a formação de espirais do silêncio é particularmente importante porque essa conexão pode explicar como a comunicação tecnológica, em torno de processos computacionais, torna-

se *invisível* e interfere na condução da política e da democracia. A mediação e o controle algorítmico, ao atuarem em um largo período de tempo, podem, segundo Silveira (2019, p. 97), “criar assimetrias invisíveis e desequilíbrios performativos completamente antidemocráticos”. Quando a comunicação se faz nas plataformas, a informação sobre os acontecimentos não decorre apenas dos usuários ou da interação entre as pessoas, mas também dos algoritmos, que, em suma, oferecem uma visão interessada, se não financeira (SRNICEK, 2017), dos fatos.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, José Carlos. **Uma genealogia da espiral do silêncio**: a expressão da opinião sobre as práxis acadêmicas. Covilhã: Editora LabCom, 2018.

ANGELIS, Carlos de. La opinión pública entre la razón y el control social. Una actualización en la era del Big Data. **AVATARES** de la comunicación y la cultura, n. 11, junio de 2016.

BEER, David. **Metric power**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

BELL, Emily; OWEN, Taylor. A imprensa nas plataformas: como o Vale do Silício rees-truturou o jornalismo. **Revista de Jornalismo ESPM**, jul-dez de 2017, p. 48-83.

BUCHER, Taina. **Programmed sociality**: a software studies perspective on social networking sites. University of Oslo, 2012.

CAMPOS, João Diogo C. de. **Uma eleição de ecos numa esfera pública digital polarizada**: A comunicação política online nas eleições presidenciais norte-americanas de 2016. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia e Políticas Públicas, Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2018.

CARIBÉ, João Carlos Rebello. **Algoritmização das relações sociais em rede, produção de crenças e construção da realidade**. Dissertação – Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

CESARINO, Letícia. Populismo digital, neoliberalismo e pós-verdade: uma explicação cibernética. In: VII REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA (VII ReACT), **Anais**, Florianópolis, 07 e 10 de maio de 2019.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade**. Editora: Unisinos, 2020.

DOURISH, Paul. Algorithms and their others: algorithmic culture in context. **Big Data & Society**, v. 3, n. 2, 2016.

GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. In: GILLESPIE, Tarleton; BO-CZKOWSKI, Pablo J.; FOOT, Kirsten A. (org.). **Media technologies**: essays on communication, materiality, and society. Cambridge: MIT Press, 2014. p. 167-194.

HAMPTON, Keith; et al. Social Media and the ‘Spiral of Silence’. **Pew Research Center**. 26 ago. 2014.

JUST, Natascha; LATZER, Michael. Governance by algorithms: reality construction by algorithmic selection on the Internet. **Media, Culture & Society**, v. 39, n. 2, p. 238-258, 2017.

LATZER, Michael; et al. **The economics of algorithmic selection on the Internet**. Working Paper – Media Change & Innovation Division. University of Zurich: Zurich, 2014.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES**, v. 12, n. 1, São Paulo, 2018.

MALASPINA, Cristina. **The Spiral of Silence and Social Media**: analysing Noelle-Neumann's phenomenon application on the Web during the Italian Political Elections of 2013. Dissertation. Department of Media and Communications: MSc in Media and Communications, London School of Economics and Political Science, London, 2014.

MARQUES, Claudio Faria. Esferas públicas, teorias de comunicação e hipóteses contemporâneas: traçando uma releitura. *In*: 42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, **Anais**, Belém, Pará, 2 a 7 de setembro de 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MARTINO, Luís M. S. **Teorias da comunicação**: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORENO, Alejandro; SIERRA, Eduardo. Capturando el silencio 2.0: el fenómeno spiral of silence en Facebook. **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 8, n. 7, p. 48-72, dez. 2016.

MOURA, Zita Bacelar. **Da mentira que se quer verdade**: fake news, uma velha chaga em novos tempos. 2018. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação, Mestrado em Jornalismo e Comunicação, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018.

NAPOLI, Philip M. **The Algorithm as Institution**: Toward a theoretical framework for automated media production and consumption. Fordham University Schools of Business Research Paper, 2013.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **La espiral del silencio**: opinión pública: nuestra piel social. Barcelona: Paidós Espanha, 2010.

PASQUALE, Frank. A Esfera pública automatizada. **LÍBERO** – Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, ano XX, n. 39, jan./ago., 2017.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2015.

POELL, Thomas; NIEBORG; David, VAN DIJCK, José. Plataformização. **Fronteiras** – estudos midiáticos, vol. 22, n. 1 - janeiro/abril, 2020.

PORTEN-CHEÉ, Pablo; EILDERS, Christiane. Spiral of silence on-line: How on-line communication affects opinion climate perception and opinion expression regarding the climate change debate. **Studies in Communication Sciences**, v. 15, n. 1, 2015, p. 143-150.

SCHULZ, Anne; ROESSLER, Patrick. The spiral of silence and the internet: selection of on-line content and the perception of the public opinion climate in computer-mediated communication environments. **International Journal of Public Opinion Research**, v. 24, n. 3, 2012.

SILVEIRA, Sergio A. da. **Democracia e os códigos invisíveis**. São Paulo: Edições SESC, 2019.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

STOYCHEFF, Elizabeth. Under surveillance: examining facebook's spiral of silence effects in the wake of NSA Internet Monitoring. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, 2016, p. 1-16.

THOMPSON, John B. The New Visibility. **Theory, Culture & Society**, v. 22, n. 6, 2005.

WINQUES, Kérley. **Mediações algorítmicas e espiral do silêncio**: as dimensões estruturantes igreja e sindicato na recepção de conteúdos noticiosos em plataformas digitais. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.